



Collor deixa a Casa da Dinda para trabalhar na biblioteca em frente, antes de mandar o bilhete para seu porta-voz

Collor rebate Sarney em bilhete

O presidente Fernando Collor não quis comentar, ontem, as declarações do ex-presidente José Sarney, em jantar com jornalistas quinta-feira, de que o Governo "perdeu a rota" e que "dar murro na mesa só serve para quebrar a mão". Collor preferiu dar sua opinião através de um bilhete manuscrito enviado para o porta-voz Cláudio Humberto Rosa e Silva, rebatendo as críticas à sua política externa.

"Sentar-se à mesa com o Primeiro Mundo é um sensato e viável objetivo. Nada de complexo de inferioridade". É o que afirma o presidente Fernando Collor no bilhete que encaminhou a seu porta-voz, em resposta ao ex-presidente José Sarney que, na última quinta-feira, disse a um grupo de jornalistas que, "para sentar-se à mesa do Primeiro Mundo, é preciso ter ficha. E nós não temos ficha, no momento".

É a seguinte a íntegra do bilhete:

"Cláudio Humberto,
Sentar-se à mesa com o

Primeiro Mundo é um sensato e viável objetivo. Nada de complexo de inferioridade. Os pobres não são condenados a morrerem pobres. Devemos acreditar no rigor de nossas potencialidades, combater o comodismo pessimista que corrói e imobiliza as energias da Nação. Em suma: sair de baixo da mesa e sentar-se a ela".

Explicações — O ex-presidente José Sarney telefonou ontem cedo ao ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, para informá-lo de que não desejava ver divulgada uma conversa que teve com um grupo de jornalistas, na última quinta-feira, no jantar oferecido por sua filha, a deputada Roseana Sarney (PFL-MA), em Brasília.

Segundo informou a Coordenadoria de Comunicação Social do Ministério da Justiça, o ex-presidente disse ao ministro que deu as declarações à imprensa porque, durante o jantar, que era informal, teve que reagir de forma "contundente" às provocações de um jornalista. Mas não tinha o

propósito de vê-las publicadas, como ocorreu.

Ainda segundo a Coordenadoria de Comunicação, o ex-presidente disse também a Passarinho que as declarações sobre duas prontidões militares, que teriam sido determinadas pelo presidente Collor, saíram equivocadas na imprensa.

Salários — Como tem por hábito aos sábados, o ministro passou a manhã de ontem reunido com assessores em seu gabinete, no Ministério da Justiça. Discutiu destalhes da proposta de abono salarial, que Passarinho levará amanhã ao presidente Fernando Collor. A proposta é de um abono de Cr\$ 8.400,00, o que representa 20 por cento sobre o salário mínimo em vigor, de Cr\$ 42 mil.

O abono proposto pelo ministro se aplicará apenas à iniciativa privada. O Governo não quer estendê-lo ao funcionalismo público, porque já tem um projeto concedendo-lhes o mesmo percentual de 20 por cento. O abono deverá ser

proposto ao Congresso na forma de projeto de lei.

O ministro retomará amanhã a série de reuniões que vem mantendo com as lideranças governistas e das Oposições para continuar as negociações em torno da política salarial.

O Presidente também aproveitou o sábado para trabalhar. Passou três horas fechado na biblioteca da família, que fica em frente à Casa da Dinda. Collor saiu de casa às 11h45, vestindo **jogging** amarelo claro e carregando duas pastas de couro cheias. O Presidente só deixou a biblioteca às 14h40, dizendo não ter trabalhado em nenhum assunto específico.

As negociações entre Governo e Congresso sobre os vetos à política salarial mereceram o único comentário do Presidente. "Estão falando demais", respondeu, ao ser perguntado sobre o valor do abono a ser dado para o salário mínimo. Enquanto o ministro Jarbas Passarinho fala em Cr\$ 8,4 mil de abono, o senador Marco Maciel propõe Cr\$ 15 mil.